



Realizamos, ontem, 11/04/2015, nossa segunda reunião do Grupo "É possível".

Duas questões monopolizaram nossa atenção: o uso de drogas pelos pacientes em estado de vulnerabilidade e a internação.

Olhamos essas questões por vários ângulos:

- a) a responsabilidade familiar, médica e do próprio vulnerável;
- b) o estigma e o preconceito pessoal e social;
- c) a discussão do uso das drogas sob o ângulo da saúde e não da moralização;
- d) a aceitação, atitude a ser construída em relação às situações vividas (mais ou menos difíceis) e que colocam em questão o nosso estado de prontidão para lidarmos de modo pertinente com elas;
- e) a redução de expectativas, de cobranças e de críticas aos familiares vulneráveis.

Já diante da porta de saída, nossa principal conversa, além evidentemente de impressões pessoais, foi a manifestação nas ruas prevista para hoje. Pretendo estar na manifestação programada junto com Antonio e gostaria de partilhar alguns dados da minha experiência pessoal.

Tenho caminhado algumas vezes a pé para o trabalho, no percurso Botafogo- Largo do Machado, e tenho visto aumentar o número de pessoas vasculhando latas de lixo, deitadas pelas calçadas, às vezes 5 ou 6 juntos, mulheres com crianças, homens e mulheres isolados, pedintes. Alguns parecem agressivos. E não pedem, ordenam. Sabemos que muitos desses homens e mulheres anônimos, andariños das nossas ruas, podem ser vulneráveis, mas não têm a estrutura e o suporte que damos, no caso, aos nossos filhos. Não sei se existem dados de pesquisa em relação a isso. Creio que existem dados, talvez, em relação à população carcerária.

Sempre me digo (aquela vozinha interna!): como pode se multiplicar tanto a pobreza? Sobretudo em época de tanta tinta derramada sobre as bolsas famílias e outras "bolsas da vida". Já suspeitava os motivos, mas neste vídeo da conferência de Gloria Alvarez, em Saragoza, encontro a interlocutora que coloca o *pingo nos is*.

Hoje é dia de manifestação em inúmeras cidades brasileiras.

Meu pedido é que, de mente aberta, ouçam o que esta mulher tem a dizer.

E que, sobretudo, relacionem o que ouvirem com o que temos discutido em nosso pequeno grupo, sobre a importância do "empoderamento" das famílias, que aparece muito nas falas do Dr. Alexandre, do Dr. Leonardo, da Olga.

Ontem mesmo, quando discutíamos a questão do estigma, veio à baila a necessidade de mudança de atitude no que diz respeito ao modo de tratar os transtornos mentais. Nossa necessidade de apoio mútuo, nosso desejo de uma vida com qualidade para nossos filhos e para nós mesmos nos coloca no lugar de co-criadores dessa possibilidade, com todas as dúvidas, complicações e o cansaço que enfrentamos no cotidiano.

É um trabalho de formiga, mas "**É possível**".

A responsabilidade e o poder de fazer acontecer está sempre e em alguma medida nas nossas mãos. É isso que estamos aprendendo, às vezes a duras penas!

Usemos a tecnologia com tal finalidade nobre. Porquê não?

Bj.

E-mail_É_Possível_12_abril_2015